

TEMPO, ESPAÇO E ATORES: A PRAGMÁTICA DO DESENVOLVIMENTO*

Herman Parret

Fundação Nacional Belga para a Ciência

(Tradução de Rodolfo Ilari)

Meu programa abrange quatro pontos. No primeiro, de caráter introdutório eu gostaria de indicar o fato de que, desde o início do século, o crescimento das ciências sociais em geral e da linguística, em particular, pressupõe implicitamente o esquecimento da temporalidade e do desenvolvimento. Como objeto do estudo social, o homem torna-se 'atemporal' e pode-se dizer que o quase-desaparecimento de uma reflexão séria sobre os vários aspectos da dimensão temporal do homem e da comunidade caracteriza a maioria das orientações em ciências sociais. Mas a onda refluíu, e pode-se falar agora de um quase-reviver da atenção para com o desenvolvimento e a temporalidade nos vários ramos do estudo do homem e sua produtividade. Estas notas históricas não oferecerão mais do que um esboço impressionista da dialética do quase-desaparecimento e do quase-reviver do problema do tempo e do desenvolvimento no pensamento linguístico contemporâneo. Num segundo ponto, eu gostaria de indicar que a consideração para com o desenvolvimento e o tempo fica ela própria presa num "espartilho paradigmático" que se pode controlar somente em parte e do qual, na verdade, o homem é vítima. Dito de maneira menos negativa, isto significa que falamos e filosofamos sobre o tempo e o desenvolvimento numa espécie de metáfora necessária: é a metáfora de um jogo de linguasgem específico, para falar como Wittgenstein, ou de uma certa episteme, nas palavras de Foucault.¹ A noção de 'paradigma' de Kuhn também conota esse aspecto da subjetividade para incontrolabilidade do modo como — num período histórico e num tipo específico de discurso, em particular o discurso das ciências — um tema, no caso o tempo e o temporalizar, é objeto de reflexão e discussão.² O tempo numa episteme, a metáfora de falar sobre o tempo, o conceito paradigmático de tempo, o tempo num jogo de linguagem, tudo isso são temas que indicam que não há um conceito atemporal de tempo, ou ainda que o pensamento sobre desenvolvimento e tempo está inserido num certo contexto sociocultural mas também discursivo que dita as normas para jogar com a língua e para o jogo do pensar. Num terceiro ponto, gostaria de passar dessa abordagem filosófica um tanto geral e relativística para várias sugestões referentes a um modelo em que o tempo, em sua relação com o espaço e a agentividade — e pois as outras dimensões do implante dêitico de um texto ou fragmento de língua — pode ser descrito e reconstruído. Provavelmente, alguns dos aspectos do

ponto de vista que estou articulando aqui com excessiva brevidade precisariam ser operacionalizados na pesquisa linguística empírica. Num quarto e último ponto, pretendo correlacionar, sem uma discussão exaustiva, meu ponto de vista sobre temporalidade orientada para o agente a alguns insights filosóficos implicitamente presentes na assim chamada "linguística desenvolvimental" (developmental linguistics).

1. O TEMPO E AS CIÊNCIAS SOCIAIS

1.1. A colocação entre parênteses da temporalidade

Por longo tempo, as ciências sociais, em seu plano e método, pressupuseram a colocação entre parênteses da dimensão desenvolvimental e temporal de seu objeto. Isto acompanha uma desconfiança geral por toda variante de descrição e explicação subjetivista do homem, da cultura e da sociedade. O subjetivismo, o historicismo e o psicologismo são claramente percebidos como três aspectos do mesmo esquema de pensamento através do qual a realidade é abordada. Os grandes pensadores do começo do século XX — especialmente Husserl e Frege — reagiram fortemente ao historicismo e psicologismo do século dezenove, e ao fazê-lo negaram a relevância da subjetividade e de sua dependência temporal (possível também a experiência do tempo e a projeção temporal) como categorias descritivas e explicativas. Desse desaparecimento parcial do interesse pelo tempo e pelo desenvolvimento, dou a seguir quatro exemplos óbvios.

a) O objetivismo teórico. O clima filosófico no começo do século é marcado por um objetivismo teórico francamente declarado. Embora a hermenêutica entendida como Einfühlung permanecesse viva em ambientes filosóficos um tanto idiossincráticos (especialmente na Alemanha e depois na França), ainda assim a orientação geral em filosofia (assim como nas ciências) consiste em vir para uma "visão objetiva do mundo". Isto pode acontecer de um modo curto e grosso pela hipóstase da observação e dos dados sensoriais, ou de um modo sutil, acentuando-se a necessidade da redução de uma experiência originalmente pré-científica e indiferenciada. Estou pensando aqui na 'redução fenomenológica' de Husserl, que é uma operação metodológica pela qual é possível ver o mundo como objeto, como fenomenalidade pura. Em Husserl, o tempo acaba por intervir como uma categoria transcendental (um pouco como em Kant), mas a ruptura entre a experiência pré-científica ou subjetiva do tempo e sua reconstrução filosófica é metodologicamente primária: uma teoria do tempo — na medida em que se bate pela objetividade — não tem conexão com o modo como o tempo é experienciado em sua manifestação do senso comum. Idealizar e transcendentalizar o tempo são as amostras clássicas de objetivização e retirada do tempo do mundo da experiência (deslocamento do observável 'puro' para o psicológico 'puro')³. Enquanto Husserl transcendentalizou o tempo, Heidegger o idealizou: o Tempo, o Ser e o Pensamento recebem maiúscula para povoar a região 'objetiva' da metafísica mais elevada. Este objetivismo teórico pode

assumir muitas formas — o tempo enquanto dimensão subjetiva (como experiência subjetiva ou como projeção de um sujeito) perde continuamente todo seu sentido e valor.

b) A Semântica Formal. Desde Frege e Russell mostrou-se que a semântica é incapaz de formalizar o tempo em todos os seus aspectos. Mais do que isso, a semântica formal é de fato guiada por uma grande desconfiança em relação à temporalidade, algo para que é difícil encontrar uma ontologia adequada. A grande fascinação com a semântica formal — e mesmo o "terrorismo" com que trata abordagens menos formais — apóia-se no fato de que a fundamentação do modelo da semântica formal é simplificada ao extremo (oversimplified): é bipolar. A semântica formal formaliza a relação do sistema de expressões com uma ontologia, o que então implica que esse sistema de expressões — por exemplo um discurso ou um fragmento de linguagem — está diretamente relacionado com o mundo sem a mediação do tempo incorporado a um sujeito falante. É como se as palavras fossem coladas às coisas. O discurso ideal é visto como uma "escritura branca"⁴, isto é, uma escritura que é não-situada espaço-temporalmente ou 'livre de contexto' (onde contexto é estrutura interna do sujeito, e não apenas sua localização espaço-temporal). O terceiro polo — o polo da produção e interpretação espaço-temporal (tenho em mente aqui o interpretante de Peirce) — é esquecido de maneira 'natural'. É interessante observar que a semântica formal clássica é praticamente inerte com respeito aos fenômenos da déixis ou 'mostração'. Frege, em seu menos conhecido artigo O Pensamento⁵, exprime claramente o fato de que os demonstrativos (pessoa, tempo, espaço) constituem uma ameaça à bela arquitetura da semântica pura, onde a significação é determinada pela dicotomia sentido/referência (o suplemento desses, a força que é responsável pelo engajamento do sujeito preso a restrições espaço-temporais e por seu discurso permanece bastante marginal ao cerne do processo da significação).

c) A Linguística Estrutural. Desde Saussure, a Linguística Estrutural tomou partido explicitamente contra a tradição anterior, que dava grande peso à história e à dimensão temporal. A dicotomização empreendida por Saussure é uma arma metodológica que lhe permite um objeto teórico ou um objeto de conhecimento: langue em oposição a parole, forma oposto a substância, sincronia oposto a diacronia. Essa dicotomização é, a cada vez, epistemologicamente motivada: deve haver uma área distinta que pode ser explorada com os instrumentos metodológicos à nossa disposição, e o resto — o 'resíduo' — fica rejeitado e relegado ao segundo termo da dicotomia, parole, substância, diacronia. No contexto saussureano, o informal é forçado a recuar para a esfera da parole como consequência de se considerar a língua ('langue') como uma forma. A linguística do século vinte é marcada por uma dicotomização infundável: não só o informal, mas também o que é prescritivo, valorativo, emotivo, temporal e tudo aquilo que tem a ver com a produção espaço-temporal de fragmentos de língua acaba relegado ao domínio residual. Colocada nesta perspectiva, na gramática gerativa de Chomsky não é nada de novo a Performance abranger a totalidade dos fenômenos alegada-

mente impossíveis de abarcar e que são afastados do domínio da gramática. O 'falante/ouvinte' em Chomsky é ideal e atemporal ou instantâneo, o que dá no mesmo em última análise. O tempo contextual, de acordo com Chomsky, é inequivocamente um aspecto da performance. É mais notável que fiquemos sabendo que mesmo o tempo 'gramatical' (o tempo e as categorias morfossintáticas) não podem reivindicar um lugar prioritário na hierarquia gramatical: o tempo não é notado no nível da árvore sintagmática inicial (o que se chamou no início de 'estrutura profunda'), mas só no nível da forma lógica (onde são introduzidas as variáveis e a quantificação). Os deslocamentos permissíveis de indicadores temporais pertencem à classe dos deslocamentos mais 'superficiais' (quer dizer, modificações que ocorrem na última fase de uma derivação). Portanto, tanto o tempo extrínseco (o tempo como contexto para a produção e interpretação) como o tempo intrínseco (o tempo como uma operação gramatical interna) são subestimados no modelo de Chomsky. Não há diferença quanto a isso entre este modelo de um lado e a tradição Saussureana ou Bloomfieldiana clássicas de outro. Em face das enérgicas afirmações que anunciam o estruturalismo e a gramática gerativa na linguística contemporânea, e sua fama de serem realizações empírica e tecnicamente bem pensadas, orientações alternativas que, ao contrário, considerem a dependência temporal da produção linguística sentem-se frustradas e traumatizadas pelo sucesso de seus opositores, contra o imperialismo da moda dos quais precisam defender-se constantemente.

d) A Sincronicidade nas ciências sociais. As ciências sociais em geral, — e a assim chamada 'filosofia estruturalista' que se tem desenvolvido a partir delas — pressupõem a natureza sincrônica dos objetos que investigam. Os psicanalistas, antropólogos e filósofos estruturalistas, como Lacan, Lévi-Strauss e Foucault ridicularizaram a visão subjetivista-idealista e existencialista da história (por exemplo Sartre). O assim chamado anti-humanismo do estruturalismo se opõe não só à idéia de que 'homem' poderia ser uma categoria explicativa relevante nas ciências sociais, mas também ao fato de que o tempo pode ser uma força constitutiva (constituent) no que respeita à natureza e funcionamento das capacidades humanas. Assim, a 'mente humana' nada mais é para Lévi-Strauss do que uma estrutura universal, a saber, a estrutura que é responsável por toda estruturação possível⁶. As interpretações estruturalistas dos trabalhos de Marx — por exemplo as de Althusser⁷ — visam, é verdade, a estruturar a história ou a formar uma história anônima em que sincronias sucessíveis são, por assim dizer, pontos: mas a linha geral apresenta-se como uma macro-sincronia de sincronias. O tempo é, na metateoria das ciências contemporâneas — a começar pela linguística e pela antropologia, que tiveram de fato o maior impacto metodológico — um efeito da estrutura mais do que um motor ou fonte de estruturação.

1.2. A reconstrução da temporalidade.

Considero esta colocação entre parêntesis como sendo uma catarse que nos livrou definitivamente do historicismo ou qualquer variante que seja das visões

positivistas do tempo (o tempo como cronologia, como biografia, como naturalmente dado). Não pode ficar assim, e de fato a onda está refluindo. Naturalmente, o caráter misterioso e incompreensível do tempo e seus efeitos sobre a sociedade e a cultura continuam interminavelmente fascinantes. É como se qualquer modelo que escolhermos tenha necessariamente que fracassar quanto a oferecer uma reconstrução adequada da temporalidade. O modelo logico-gramatical do tempo teve uma grande dificuldade em organizar as categorias morfossintáticas do tempo, para não falar da conceptualização dos aspectos mais globais do tempo numa perspectiva mais ampla. Ainda assim o parcial reavivar-se da atenção dada à temporalidade e ao desenvolvimento se impõe a nós, e eu vou dar alguns exemplos óbvios disso no que segue.

(a) Mudanças de paradigma da teoria linguística e da análise do discurso. O paradigma clássico em cujo interior tem lugar a reflexão sobre língua e texto — desde Platão até Kripke — considera a língua e o texto do ponto de vista de sua função representativa: os nomes — e antes de mais nada os nomes próprios — constituem o protótipo das categorias gramaticais pelo fato de que a transparente atribuição de apelativos (dubbing) característica do nome próprio se aproxima do ideal da representação pura. O privilégio do nome (e do nome que o nome próprio é) orienta a teoria da língua e a teoria da significação para o lexicalismo (desde Frege e os pós-fregeanos até Kripke). Em contraste com este paradigma tradicional — e de fato neoplatônico — emerge um novo paradigma em cujo interior a língua é encarada do ponto de vista de sua função demonstrativa. Bühler já fala da língua como um 'campo ostensivo'. Nesta nova perspectiva, os demonstrativos são modelares, mas como a função demonstrativa é realizada através de operações, como a predicação e outros tipos de ato de fala, como a afirmação etc., uma concepção lexicalista dos demonstrativos estaria longe de adequada.⁸ Pode-se encontrar evidência desse interesse pelos processos demonstrativos na renovada atenção pelos pronomes — na verdade, é um fato que Benveniste, o estruturalista mais aberto de todos colocou em primeiro plano todo o problema da chamada "subjetividade na linguagem", mais uma vez, através dos estudos dos pronomes⁹. O funcionamento dos pronomes transcende inclusive o nível lexical e transporta-nos para o nível das unidades de ação linguística, nomeadamente sentenças e outras unidades de texto. Ainda assim, renovada atenção pelos demonstrativos não vale necessariamente pela introdução de um novo "paradigma". Resulta em considerar o domínio todo da dêixis, sem introduzir reduções empobrecedoras. As funções demonstrativas da língua envolvem uma pessoa (um 'ator' ou 'agente') situada no tempo e no espaço.

A pessoa, o tempo e o espaço têm propriedades irreduzíveis. Quando Russell reduz as propriedades de Eu (e suas relações com Tu e Ele) e de Agora (com suas relações a passado e futuro) às propriedades de um Aqui/Acolá ulteriormente especificado, isso vale por uma redução do domínio todo da dêixis ao espaço:¹⁰ a "espacialização" do tempo (e da pessoa) é um perigo que ameaça muitas teorias linguísticas e filosóficas da língua e da significação (ver secção 3.). Mas é importante perceber

que a re-avaliação do tempo no interior da *dêixis* só pode ocorrer no âmbito de um novo paradigma em que o discurso não é mais encarado como a representação de uma ontologia pressuposta, mas ao contrário como a revelação de um ator que é espacial e temporalmente sujeito a restrições.

(b) Ataque contra o modelo veri-funcional da temporalidade. A lógica aristotélica clássica foi acrescida de uma lógica temporal (A.N. Prior publicou Time and Modality em 1957, e H.Kamp D.Gabbay, N.Rescher, von Wright, R.Montague e muitos outros construíram lógicas temporais na década de sessenta). A lógica temporal, como qualquer outra lógica modal (lógica epistêmica, lógica erotética, etc.) permanece, contudo, uma lógica 'desviada' (deviant).¹¹ Ainda assim, é evidente que a noção de verdade continua sendo um conceito central na lógica temporal. Além disso, as línguas formais e artificiais continuam sendo encaradas como linguagens 'ideais', e suas propriedades formais são transferidas para a linguagem natural 'desviada' — o que equivale à regimentação Quineana do uso da língua natural. A temporalidade no contexto da lógica temporal nada mais significa do que indiciar os objetos no mundo (eventos possíveis e estados de coisas num mundo real ou possível): o tempo fica "ontologizado". Todavia, a indicição do tempo, como a espacialização acima aludida, pressupõe uma redução inaceitável. Sob esse respeito, muitas lógicas temporais são tornadas irrelevantes desde o início. Foram os lingüistas de inspiração lógica ao invés dos lógicos puros que relativizaram a verifuncionalidade e a ontologia temporal por meio de uma análise de um sistema de tempo que é intrínseco a línguas naturais: o modo como as línguas particulares expressam tempo não é nem veri-funcional, nem globalmente universal. O tempo não é nem um objeto pre-existente com relação à língua, nem uma categoria ontológica; é um princípio organizacional da própria língua. São as próprias línguas em sua grande diversidade que possibilitam e utilizam um conceito de tempo que especifica fragmentos temporais. Sistemas temporais lingüísticos são constitutivos não só da experiência temporal, mas também do modo como refletimos de maneira relevante sobre a temporalidade. Os sistemas temporais são imanentes na linguagem e não são de modo algum ditados por uma norma universal e abstrata, a saber sua verifuncionalidade. A seriedade com que os linguistas analisam a temporalidade e se desfazem dos traumas que têm com respeito à função frequentemente terrorística da lógica (mesmo quando a lógica é desviada, como no caso da lógica temporal) é um segundo caso da parcial revivescência de uma atenção corretamente orientada com respeito à temporalidade.

(c) A força subversiva da concepção filosófico-analítica de tempo no espírito do segundo Wittgenstein. O exemplo (evidence) do último Wittgenstein e de Austin e de seus seguidores teve uma influência decisiva para orientar o renovado interesse pela temporalidade. Wittgenstein mostrou de maneira convincente que a gramática das palavras verdadeiro e falso é tal que não lhe pode ser acrescentada qualquer especificação temporal: as regras de acordo com as quais especificamos o tempo e pre-

dicamos a verdade e falsidade pertencem a jogos de linguagem completamente diferentes (ver a secção 2). "A verdade é atemporal" é um importante slogan do senso comum que, de fato, significa que existe uma regra gramatical (‘gramática’ e ‘regra’ no sentido de Wittgenstein) pela qual acrescentar uma especificação de tempo ao sintagma "É verdade que" é proibido. É por isso que a tese da veri-funcionalidade da temporalidade é paradoxal: evidencia a ‘doença logicista’ da filosofia. Mas, de maneira geral, Wittgenstein nos alerta contra filosofar selvagemmente sobre tempo. Seguindo Santo Agostinho¹², diz: "O que é o tempo? Se não me perguntam, eu sei; se me perguntam eu não sei". Nós sabemos como devemos realizar as especificações temporais, ou pelo menos, somos capazes de aprender a usar a palavra ‘tempo’ numa variedade de contextos. Voltarei a esta característica de jogo de linguagem da aplicabilidade temporal nas línguas naturais (ver secção 2), da mesma forma que também pretendo levantar um possível conceito agostiniano de tempo como interação linguística (ver secção 3.). Aqui importa que a esterilidade da discussão clássica sobre tempo — e também a ausência de atenção para o problema do tempo — é superada nesta nova perspectiva em que a temporalidade é vista no contexto mais amplo do conceito de um uso linguístico específico temporalmente. Nesta perspectiva, são questões centrais a inter-subjetividade e a ‘abertura’ do jogo de linguagem, a intenção de comunicação, a sociedade comunicativa e a contratualidade dos usuários da linguagem, e o caráter acional dos fragmentos de linguagem. Deste ponto de vista, pode surgir uma nova visão da temporalidade.

(d) O desenvolvimento adequado da semiótica estrutural. Paralelamente aos desenvolvimentos que acabam de ser mencionados, principalmente "do outro lado do canal da Mancha ou do Oceano Atlântico" (para quem está na Bélgica), observa-se também "no continente" um interesse crescente pelo problema do tempo, como nas variantes recentes da semiótica estrutural. Durante gerações, a semiótica estrutural ficou trancada na axiomatica Saussureana e Hjelmsleviana; a ‘atitude estruturalista’, em que o discurso é encarado como sendo puramente ‘imaneente ao signo’ pesou por muito tempo sobre qualquer desenvolvimento em semiótica. A temporalidade "fechada" no interior de um sistema de signos parece tão artificial quanto o ajustamento mútuo do tempo e da verdade, como ocorre na versão da concepção logística do tempo que acaba de ser esboçada. Já observei que o estruturalismo bane a temporalidade para o domínio do residual, da mesma forma que bane a subjetividade e todo o processo de produção, que ficam assim excluídos, em grande parte, da esfera do conhecimento possível. Isto está mudando depressa, especialmente na medida em que a semiótica narrativa¹³ já não se volta para a assim chamada ‘estrutura elementar da significação’ (análise de unidades de textos narrativos até unidades de significação atômica)¹⁴, mas antes para a assim chamada competência modal do produtor de signos. Essa competência modal é situada espaço-temporalmente, ou melhor, temporalizar e espacializar fazem parte da competência modal do produtor de sinais e significações. O âmbito da semiótica contemporânea abrange tanto a produção cultural quanto a produção dos assim chamados ‘mundos naturais’. Que a construção de produtos naturais e culturais seja temporalizada é um gran-

de avanço em relação ao estruturalismo a-temporal que estava tão em vogue até os anos sessenta. Mesmo no interior da gramática narrativa, é possível encontrar sistemas temporais altamente interessantes e complexos: considere-se a superposição não-isomorfa (parcial superposição, parcial separação) das especificações temporais do narrador extrínseco, o autor, no narrador intrínseco, o narrador interno ao texto, e o sujeito intrínseco da história ou o agente de quem se conta a história.¹⁵

(e) O progresso e a relevância empírica da linguística funcional e desenvolvimental. Em oposição ao formalismo abstrato da gramática gerativa de Chomsky e em oposição à linguística estrutural rígida, a linguística funcional e desenvolvimental afirma as verdades que foram ignoradas ou esquecidas por gerações: que a língua é um fato social, e também que a língua muda e se desenvolve e portanto tem dependências temporais radicais.¹⁶ Sem dúvida, a maioria das variantes do funcionalismo linguístico pecaram por impressionismo (por exemplo: a etnometodologia) ou por inconsistência teórica (aqui, estou pensando nas instáveis ambiguidades de Labov ao integrar sociolinguística, teoria dos atos de fala e alguns aspectos da metateoria de Chomsky)¹⁷; outros tipos de funcionalismo são em grande parte obsoletos (por exemplo, a teoria funcionalista de Jakobson, em que se identificam comunicação e informação). Ainda assim, é o fato de que a dependência temporal da produção linguística como um fenômeno sincrônico — só pode ser levada a sério depois que se afirma que a língua funciona interacionalmente e no âmbito de uma sociedade que comunica. E esse funcionamento abrange e pressupõe mudança e desenvolvimento. Mostrou-se em trabalhos recentes de linguística do desenvolvimento de que maneira uma convicção tão fundamental como essa pode ser operacionalizada mesmo nas subdisciplinas mais técnicas da investigação (entre outras, a fonologia e a morfologia).¹⁸

2. A TEMPORALIDADE NO JOGO DE LINGUAGEM

Depois desta sequência caleidoscópica de observações históricas sobre a presença ou ausência do problema do tempo e desenvolvimento na reflexão atual sobre filosofia e ciências sociais, retomo a linha de minha exposição, embora não com uma interrogação pretenciosa como o seria "O que é o tempo", senão com a interrogação mais manejável — porque mais modesta — "Como é que se fala do tempo?". Desta maneira, posso eliminar toda concepção naturalista ou fisicalista do tempo como irrelevante para a ciência social e o estudo filosófico. Minha interrogação tem, de fato, duas facetas: "De que modo a língua fala sobre o tempo?" e "De que modo o falante da língua natural usa as especificações temporais?" A primeira sub-pergunta é interessante especialmente para os linguistas que investigam os sistemas do tempo gramatical nas línguas naturais. Falando desde minha posição pragmática, continuo acreditando que esta sub-pergunta fica subordinada à segunda, pela qual Wittgenstein é principalmente responsável. Wittgenstein critica Santo Agostinho por deixar-se desorientar pelo fa-

to de que pressupõe que o tempo, um pouco à maneira de um substantivo como 'carne' e 'chuva' tem uma significação oculta de tipo objetual (objectlike), e como tal acarreta toda a panóplia das determinações filosóficas do tempo, por exemplo "O tempo é a forma do vir a ser", "A essência do tempo é a sucessão", ou "O tempo é a possibilidade de mudança". Seria anormal — e seria um sintoma da doença filosofística — se, ao invés de "Dá tempo?" alguém perguntasse "Dá forma do vir a ser?"**. A terapia que leva à gramática profunda da temporalidade consiste de fato no retorno a um uso filogenético das especificações temporais, que deve revelar os contextos em que os indicadores temporais podem ser empregados sem anormalidade e em contraturalidade comunicativa plena. Palavras como agora, hoje, amanhã, ontem, domingo, semana, mês, uma hora atrás, meia noite em ponto têm para a criança um potencial de uso restrito, que ela adquire passo a passo na interação com os outros em contextos quotidianos, existenciais. Esta filogenética do tempo lingüístico leva a um sofisticado afastar-se dos inconvenientes de qualquer lógica temporal, mas ainda assim funciona perfeitamente na comunicação: "Não tenho tempo agora", "Seu tempo acabou, você tem que entregar a prova", "No tempo em que o hábito era ... "Não o tenho visto por algum tempo". A filogenética da especificação temporal claramente não é universal, portanto a lexicologia comparativa indicará sem dificuldade que a distribuição de 'tempus', 'Zeit', 'temps' para não mencionar os termos das línguas não indoeuropeias, coincidem apenas de modo parcial. A reificação do tempo é uma ameaça constante porque a medição do tempo e o uso de instrumentos para essa mensuração se entrelaçam parcialmente no tecido da inferência filogenética. Ainda assim, o tempo medido ("O que é o tempo?" -- "cinco em ponto") continua sendo uma inferência específica, com um lugar específico no lado temporal do jogo de linguagem²⁰. É especificamente importante perceber que "O sol se põe às cinco" e "o sol está-se pondo neste instante"²¹ têm significações diferentes porque a função de "neste instante" difere completamente de qualquer especificação temporal por meio da qual o tempo é medido ou concebido, como no fixar datas ou fornecer indicações de hora (Sobre a redução das indicações temporais à indicação de datas, veja-se minha crítica a Quine na secção 3.) "Às cinco em ponto" pode ser registrado como um 'ponto de tempo', como uma pedra miliar real na 'passagem do tempo'; não é nunca o que acontece com 'neste instante', pois 'neste instante' se subtrai ao registro e à medição. Como escreve ironicamente Guillaume: "A lei do agora é a sua estreiteza".²² Agora concentra-se aqui na inapreensibilidade por outros processos do tempo e é não-reificável, não-mensurável e não-datável. Portanto aprendemos a distribuição de agora pelo funcionamento do uso da linguagem no dia-a-dia.

Podemos, agora, reformular como segue nossa pergunta: "O que é o jogo de linguagem da especificação temporal na ciência?, ou como se aplica a indicação temporal num contexto científico?" O discurso científico é então visto como um tipo de uso da língua a par de muitos outros como a língua de todos os dias e o uso ficcional e poético. Esta relativização em tons Wittgensteineanos da ciência e da racionalidade científica parece escandalosa e provocativa à maioria dos filósofos da ciência.²³ Entretanto, essa visão Wittgensteineana não inclui a estipulação de que o

jogo linguístico jogado pela ciência deva ser arbitrário: ao contrário, é um jogo de linguagem como todos os demais, identificado pela regularidade e determinado por um sistema específico de regras de produção. A noção de episteme de Foucault e o conceito de paradigma de Kuhn são úteis aqui. Foucault afirma que o início do século dezanove significou um corte epistêmico, uma mudança de paradigma, particularmente no que concerne às concepções de tempo e de história.²⁴ Acontece que isto coincide com o surgimento das ciências sociais como um projeto específico com uma metodologia determinável. Desde o tempo dos Gregos, e por todo o período de nossa história ocidental das idéias, falou-se do tempo em termos cosmológicos: o tempo como memória, como mito, como a descodificação do fado do homem, como a antecipação de um futuro ditado sobrenaturalmente. O tempo é uma única grande cronologia cósmica, uma única história cíclica e uniforme de que todas as coisas animadas e inanimadas participam. A História é uma única ordem e é prolongada através de um único Tempo. Basta abrir uma gramática medieval, ou a Grammaire raisonnée de Port Royal (1660) ou Hermes or a Philosophical Inquiry concerning Language and Universal Grammar (1751-5) para ver que o trabalho gramatical — por exemplo toda classificação dos tempos do verbo, toda genealogia do léxico — é orientada por uma visão cosmogônica da temporalidade. O mito de Adão e a teogonia ("No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus") oferecem a história da origem comum das línguas e determinam a especificidade da historicidade do desenvolvimento das línguas e da variação. Tudo muda no início do século dezanove, o momento do corte epistêmico revolucionário. A historicidade uniforme desmoronou, e cresceu uma fragmentação da temporalidade. A linguística (praticada primordialmente como filologia), a psicologia e a sociologia (e a sociologia-econômica) difundiram suas próprias escalas temporais e classificações temporais: o modo de desenvolvimento da língua não é o mesmo que o da estrutura psicológica ou o desenvolvimento de uma sociedade e sua economia. O crescimento da competência linguística, o crescimento da competência psicológica do indivíduo (enquanto consciência e centro de experiência) e o crescimento das capacidades societárias estão sujeitas a generalizações semelhantes a leis, específicas, e princípios de funcionamento internos. A idéia de ordem, de um progresso ininterrupto e cíclico, de uma dada origem pré-Babel e de um ponto de chegada conhecido e antecipado à semelhança do paraíso desaparecem. Mas esse estilhaçamento da temporalidade que se conecta com a irrefutável realidade dos tipos de temporalidade é neutralizado e, como que, contrabalançado pela hipóstase de um tempo 'natural' — o tempo com que medimos os movimentos dos corpos celestes. O tempo físico é esse horizonte, por assim dizer, em contraste com o qual o estilhaçamento do tempo nas ciências sociais é possível. A norma é pois a mensurabilidade: não só o tempo medido o dinamismo natural, mas além disso o próprio tempo é medido por uma instrumentação cada vez mais perfeita. Desse modo o historicismo (por exemplo, na filologia), o positivismo e o naturalismo se combinam como abordagens da indicação e especificação temporal no interior de um mesmo e único paradigma, a saber, o discurso das ciências sociais.

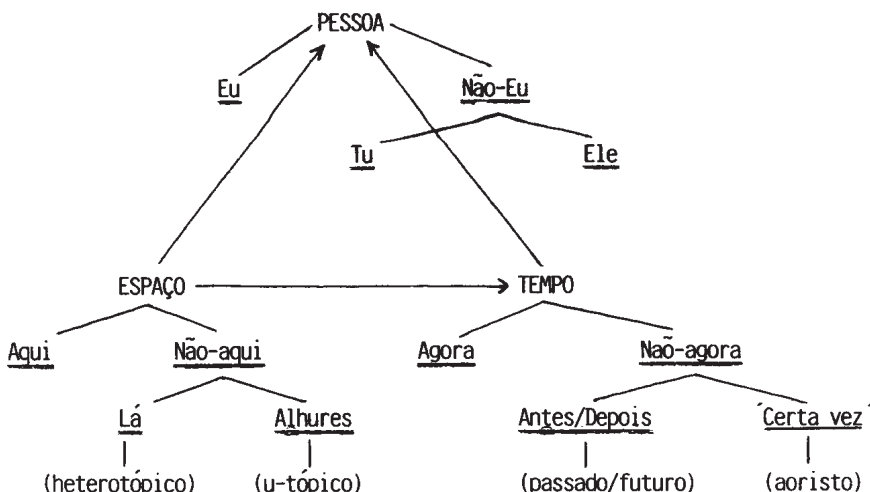
Quando se aceita a idéia de que o falar acerca do tempo, no uso lin-

guístico científico ou corrente, se insere num jogo de linguagem com sua própria legalidade, ou que está sujeito à opressão de um 'paradigma histórico' ou de uma episteme, então, do ponto de vista da análise do tempo textual pode-se afirmar que não há uma posição neutral ou transparente a partir da qual a temporalidade pode ser descrita. Wittgenstein fala a propósito da força irresistível e do perigo do simbolismo em que se fala do tempo: "Falamos sobre o fluir dos eventos; mas também sobre o fluir do tempo -- o rio sobre o qual viajam troncos" ²⁵. O perigo consiste então no fato de que esse simbolismo é aplicado como um símile a cada coisa que ocorre no tempo, e que isso leva a consequências como: "Para onde vai o passado?" ou "Para onde vai a chama da vela quando o sopro a apaga?" Ninguém consegue furtar-se à força e à amplitude do simbolismo: nenhuma terapia pode curar o uso da linguagem da metáfora. A linguagem científica não escapa da simbolização tampouco, e conceitos como o de (des)continuidade e (ir)reversibilidade, que são centrais na determinação temporal, dependem e derivam da dominância do simbolismo do tempo. A metáfora do tempo mais dominante é a linha (tempo como linearidade): o agora é um ponto que muda continuamente sobre a linha, organizada unidimensionalmente. Oposto a isso é o espaço: o aqui é o centro do compasso, o ponto de união de uma expansão pluri-dimensional e de uma circularidade aberta. A linha do tempo - o refluir do rio - pode ser contínua ou descontínua: o tempo descontínuo é uma linha pontilhada. Continuidade e descontinuidade são portanto qualificações dos dois tipos de séries, — o rio tornou-se uma série, da mesma forma que o compasso se tornou uma rede. A imbricação das dimensões temporal e espacial concretiza-se na maioria dos registros metafóricos: o ponto na reta que é o agora, é um limite interno da série, e ponto e limite são em primeiro lugar e acima de tudo conceitos espaciais. O impacto do simbolismo é suficientemente grande para determinar a naturalidade das propriedades temporais. Assim como a linha é normaliter uma série contínua e irreversível de pontos, assim o tempo contínuo e irreversível é encarado como 'natural', ao passo que a temporalidade descontínua e a temporalidade reversível são atribuídas aos casos exorbitantes (excessive) e marginais da ficção (p. ex. a ficção científica) ou da imaginação. Qualquer que seja o modelo com base no qual a temporalidade é reconstruída, mantém-se verdadeiro que o simbolismo e a metáfora continuam a determinar parcialmente todos os conceitos que subjazem à apreensão científica da temporalidade (e não apenas a experiência dela).

3. EM DIREÇÃO A UM MODELO DE TEMPORALIDADE ORIENTADA PARA O AGENTE

Seja qual for o modelo sugerido para a análise da temporalidade em filosofia, linguística ou lógica, o papel do tempo é determinado pelo papel do espaço e de uma pessoa (agente, ator, falante, sujeito) espaço-temporalmente situada. A deixis envolve necessariamente três componentes: Ego (e suas relações com Tu, Ele e Nós), Nunc e Hic (e suas relações com outras posições espaço-temporais). Há uma anedota conhecida contando que um soldado francês responde à chamada com o equivalente de Nunc

("Présent"), que um soldado alemão responde com o equivalente de Hic ("Hier"), e que um soldado lituano responde com o equivalente de Ego. Desse modo, em cada uma das três linguagens é privilegiado um componente diferente da dêixis. No 'triângulo dêitico', o tempo precisa ficar obviamente situado entre a Pessoa e o Espaço, e o modelo da temporalidade dota o espaço ou a pessoa de uma redução quase-automática do tempo (dessa forma, falarei de espacialização do tempo ou da sua orientação para o ator). Argumentarei contra algo que ocorre com frequência na filosofia do tempo e na elaboração de gramáticas, a saber, a espacialização do tempo; ao contrário, argumentarei a favor das virtudes da orientação para o ator. No esquema abaixo, a direção das flechas (... reduz-se-a ...) expressa meu ponto de vista.²⁶



3.1. A espacialização do tempo.

Os gramáticos notam que, pelo menos no que respeita às línguas indoeuropéias, só as coordenadas temporais são registradas nas formas do verbo. Às vezes, pergunta-se por que o componente temporal é assim privilegiado em confronto com as coordenadas espaciais: não há 'lugar' do verbo, só há 'tempo do verbo'. Por que razão agora precisaria ser uma marca mais forte do que aqui? A explicação deve ser procurada na unidimensionalidade ou linearidade do tempo, que permite a demarcação de um antes e de um depois, em contraste com a pluridimensionalidade do espaço (o caráter de 'compasso' de aqui): agora é um limite, ao passo que aqui não é, sendo no máximo um ponto de conexão de várias direções. Esta explicação, que apela para a estrutura do escopo 'existencial' do tempo e do espaço, é contudo muito insatisfatória, não só porque o modo do verbo expressa em grande medida o seu 'lugar', mas especialmente

porque a gramática espacializa as especificações temporais do verbo (como faz com todos os outros indicadores temporais). O assim chamado localismo na teoria gramatical defende a hipótese de que as expressões temporais são inferidas de expressões locativas.²⁷ Preposições como antes, depois e até eram originalmente expressões locativas que receberam mais tarde seus sentidos temporais.

Mas, indo mais fundo, poder-se-ia dizer que, até onde a progressão do tempo significa a transição de um estado para outro, o movimento temporal é expresso na língua como movimento no espaço. Também as relações lógico-gramaticais fundamentais, como a causalidade, apóiam a associação das posições de causa e efeito às de agente e paciente. Parece que o privilégio do tempo na morfossintaxe dos verbos é somente um fator de obscuridade, no que respeita às interpretações gramaticais possíveis dos indicadores temporais: o tempo acaba por ser necessariamente interpretado como espaço.

A maioria dos tipos de explicações lógico-filosóficas mal se distingue entre si. Seria útil mostrar como o agora (em que se concentra toda a dêixis temporal) é de fato espacializado nas teorias filosóficas típicas do tempo.²⁸ Qual é a significação de agora em expressões como

(1) Mitterand é presidente agora.

(a) Redução colofônica. Um primeiro tipo de redução espacializadora é a teoria, por exemplo de Russell²⁹, em que se afirma que essa enunciação (1) não só diz algo sobre Mitterand, mas especialmente que diz algo sobre o produtor da enunciação (1). Há portanto uma mensagem sobre a localização psico-física do produtor ou enunciador. A enunciação especificamente temporal (1) é reduzida à sentença atemporal (2'):

(2') O fato de que Mitterand é presidente é co-temporal com o tempo de isto.

Isto é um indicador que faz referência por ostensão ao evento psico-físico que é o falante localizado.

Apontando o dedo (daí meu uso do termo 'colofônico': o cólofon é o dedo que se usa na composição tipográfica: , é preciso que a coisa indicada seja perceptível, portanto presente como um percebido, e que meramente exista na memória (passado) ou na antecipação (futuro). O presente, para Russell, é pois exterior ao 'evento' que é o falante: é o dado sensorial que é localizado espacialmente. A relação colofônica, então, pode não ser mais do que situada existencial ou espacialmente. (2') significa de fato

(2'') O fato de que Mitterand é presidente é co-temporal com o dado sensorial que é por este meio indicado por ostensão.

A primazia da percepção, o acento colocado na co-temporalidade existencial, na ostensão como uma condição necessária da significação de agora, tornam claro que Russell opta pela espacialização das especificações temporais.

(b) Redução a datas. Um segundo tipo de redução espacializadora é a de Quine³⁰: sua proposta é na verdade uma extensão do critério de verdade de Tarski no tocante à indicação temporal. Escreve Quine:

Nossa gramática lógica standard fica evidentemente a salvo das complicações do tempo gramatical que tanto dominam as línguas européias. A gramática lógica, como a física moderna, fica melhor servida quando se trata o tempo como uma dimensão coordenada com as dimensões espaciais: tratando a data, em outras palavras, apenas como um outro determinável, a par da posição, os verbos podem ser tratados como atemporais.³¹

Preenchendo o critério de verdade de Tarski, (1) precisa significar:

(3') Que Mitterand é presidente, é verdade em t_1 .

A dêixis temporal é, desse modo, efetivamente, eliminada. Uma regimentação ulterior do tempo ocorre pelo preenchimento do índice de t_1 , isto é, pelo suprimento de uma data:

(3'') Que Mitterand é presidente, é verdade no dia 20 de junho de 1982, às 10:30 da manhã.

Como as datas podem ser determinadas sub specie aeternitatis, (1) é verdadeira — e por via de consequência significativa — independentemente de cada interpretação e de cada contexto de produção. (3'') é portanto equivalente a:

(3''') Que Mitterand é presidente, é verdade quando o calendário marca 20 de junho de 1982, e o relógio marca 10:30 da manhã.

A objetivação que acontece aqui, em suma, correlaciona as condições de verdade das orações temporalmente determinadas como (1) com a posição do calendário e do relógio, 'objetiva' e situada espacialmente. A redução que se implementa aqui desvia-se radicalmente do sentido original da enunciação temporalmente determinada (1): (1) e (3''') têm usos completamente diferentes porque não se faz qualquer menção de que no caso em foco a própria (3''') ocorre no presente. De fato, a indicação temporal teria que ser trazida de volta no antecedente de (3''') como fica expresso aqui:

(3''') se o calendário e o relógio indicam que é agora o dia 20 de junho de 1982, e que são 10:30 da manhã.

Como no explanans (3''') se introduz a mesma especificação temporal que ocorre corretamente no explanandum (1), a saber agora, a redução é circular e sem valor. A razão fundamental para isso é que se baseia num critério de verdade espacializador que não pode ser identificado de maneira alguma com uma condição de sentido. A verdade não é critério quando está em jogo o sentido de agora.

(c) A redução reflexiva-de-ocorrência (token reflexive). Uma abordagem mais adequada mas ainda espacializadora é a de Davidson⁵² que afirma que a sequência linguística (1) vale ela própria por um acontecimento, e que a especificação temporal no interior da sequência só tem significação na presença da enunciação linguística como ocorrência (a sentença faz referência a um acontecimento, mas é ela própria uma ocorrência). Nesse contexto, (1) significa:

(4') Que Mitterand é presidente é co-temporal com esta enunciação.

Agora significa o tempo de enunciação de uma sequência linguística. A reflexividade de ocorrência é denotada pela expressão demonstrativa 'esta enunciação'. Essa expressão demonstrativa pode por sua vez ser eliminada pela introdução de uma sequência metalinguística que seja a-temporal:

(4'') Que Mitterand é presidente é co-temporal com a sequência linguística "Mitterand é presidente agora".

Somente a sequência em linguagem-objeto contém especificação temporal, e a sequência objeto e a meta-sequência ficam conectadas parataticamente (uma técnica elaborada por Davidson):

(4''') Há uma sequência linguística "Mitterand é presidente agora" e há co-temporalidade do fato de Mitterand ser presidente.

É interessante notar aqui que a co-temporalidade em (4''') é, de fato, ainda, uma relação espacial (justaposição ou parataxe). Portanto, é a relação espacial entre o objeto e a meta-sequência que substitui a indicação temporal que estava originalmente presente em (1). Precisamos ter consciência dos dois passos da redução: primeiramente o demonstrativo esta é introduzido em (4') como sendo independente da especificação temporal de agora, e em seguida é postulada a co-temporalidade entre duas sequências linguísticas (as sequências da linguagem objeto e as da metalinguagem): a co-temporalidade é justaposição (espacial).

3.2. A orientação do tempo para o ator.

Uma alternativa para essas tentativas de espacializar a temporalidade pode ser a orientação para o ator. Pode-se inverter a direção da redução no interior do triângulo dêitico: espaço -----> tempo -----> pessoa. Não posso fazer mais do que formular umas poucas sugestões. A tradição lógico-gramatical põe uma forte ligação entre denotação temporal e forma do verbo. Os tempos verbais são vistos principalmente como sendo primariamente indicadores de tempo; outras unidades de tempo são os advérbios de tempo (agora, amanhã, ...) e é nesse sentido que modificam o verbo, ou pelo menos a parte predicativa da oração. É típico que Guillaume tenha designado toda a sua concepção 'psicomecânica' da linguagem com base na caracterização da temporalidade e aspectualidade expressa através das formas do verbo; daí o título de seu importante livro Tempo e Verbo.³³ Contudo, poder-se-ia imaginar uma língua que se valesse de uma morfologia que especificasse o tempo nominalmente: sintagmas nominais como ex-presidente, a passagem do tempo, expressam, realmente, temporalidade. Parece inclusive haver casos em que a especificação temporal não pode ser relacionada com verbos. Considere-se uma sentença como "O sucessor do atual rei ainda está por nascer" onde o sucessor do rei é um nome do futuro. A denotação futura não pode, aqui, ser imputada ao verbo, que tem forma de presente. Se o sucessor do rei é uma pessoa futura, quem sabe ainda não existente, não é porque o sintagma seria sinônimo da frase relativa "aquele/aquela que sucederá ao rei", em que o verbo está no tempo futuro. Na sentença "Encontrei-me com o sucessor do rei" o sintagma nominal está no passado. Mas é ainda assim possível acreditar com Guillaume que existe uma ligação intrínseca entre tempo e verbo, porque o verbo — na parte predicativa da oração — expressa um processo. Ainda assim, uma teoria do tempo textual pareceria diferente, se o tempo e o processo não tivessem sido relacionados tão estreitamente, e, ao contrário, o tivessem sido o tempo e a ação (na primeira fase) e especialmente o tempo e o ator (na segunda fase). A "acionalização" e a orientação para o ator do tempo oferecem alternativas à espacialização do tempo, tão freqüente.

(a) Tempo e ação. A Leidfaden de Austin consiste em tomar o falar como um fazer.³⁴ Compreender frases temporalmente específicas consiste em compreender ações temporalmente específicas; daí a intencionalidade que fundamenta essa compreensão. As condições de sucesso para essas ações envolvem a compatibilidade dos contextos possíveis em que esses "fragmentos de ação" podem ser enunciados. A teoria do tempo como ação contrasta com a teoria do tempo como conhecimento das condições de verdade de enunciações temporalmente específicas. Enunciar uma frase temporalmente específica X é realizar um ato Y tal que Y estabelece X como a origem temporal de todos os eventos. Dever-se-ia investigar amplamente qual é a relação entre performatividade e especificação temporal (ou mesmo projeção temporal).³⁵ A enunciação de uma frase com uma especificação de agora quase que organiza o co-texto e contexto todo ao redor da realidade do ato de fala.

(b) Tempo e ator. Este acentuar-se do caráter acional das especifica-

ções temporais leva necessariamente para uma teoria da espacialização e especialmente da temporalização orientadas para o ator. O ator é uma competência modal que delinea, constrói e projeta espaço e tempo. Portanto, as coordenadas espaciais e temporais não são nunca pontos ou redes fixos e eternos, mas antes o resultado da espacialização e da temporalização. O Ego é central, e desde esse ego-cêntrico princípio de organização, é criado o espaço: por perifericização (o espaço irradiando desde o centro agentivo para a periferia) ou por focalização (ou concentração: o espaço como núcleo). Na competência modal do Ego, devem ser distinguidos tipos de temporalização: a afirmação do presente, a determinação da ausência daquilo que foi presente, a determinação daquilo que ainda não é, e assim por diante. A essa atividade espaço-temporalizadora do ator, uma espécie de sobredeterminação, pode ser superimposta: a aspetualização (a diretividade e a 'tensão' com que se espacializa e se temporaliza). Tempo e tensão (o contínuo desde a tensão até o relaxamento, desde a força até a fraqueza) têm muito a ver um com a outra.³⁶ É pois a ego-centrificação do domínio total da dêixis, a saber, a consideração do tempo e do espaço como produtos da competência modal do ator que leva a uma teoria alternativa do tempo totalmente oposta, em que se torna decisivo não o tempo, mas a temporalização.

4. TEMPORALIDADE E DESENVOLVIMENTO

Seria muito interessante investigar a concepção de tempo que subjaz aos principais escritos sobre linguística do desenvolvimento, e buscar uma integração da teoria do tempo orientada para o ator, neste contexto. Entretanto, nenhuma tentativa séria será feita nesta nota final, e a discussão desse assunto é deixada para uma investigação futura.³⁷ Ch.J. Bailey acentua que os processos e a comparação — que têm uma relação de causa e efeito — deveriam ser encarados como sendo realidades linguísticas fundamentais, e que a mudança e a variação não deveriam ser atribuídas à "performance" e portanto a disciplinas estranhas à linguística.³⁸ Repete-se sempre que a mente dos linguistas e dos filósofos deveria ser purgada dos entraves não-temporais e não-desenvolvimentais do 'velho' paradigma (Saussure, Bloomfield e Chomsky) em linguística. O tempo e o desenvolvimento são noções que não podem ser definidas senão uma pelo uso da outra. A distinção entre desenvolvimento conatural e desenvolvimento abnatural também introduz de fato dois modos de temporalidade. Contudo, ao passo que a gramática explora uma variedade de padrões de desenvolvimento, não se podem fazer distinções sofisticadas quanto a tempo. O tempo é encarado como um fenômeno 'dado' e estável (ou, na realidade, 'natural'!) que torna possíveis processos linguísticos e realidades fundamentais. Além disso, explica a sucessividade da acessibilidade perceptual que é responsável por diferenças de mecanismos centrais nas descrições linguísticas, como a noção de marcado. Seria proveitoso procurar outras potencialidades do conceito de temporalidade, e compreender a gradiência, a intensificação e a 'tensão' no interior do próprio conceito de tempo. Isto significaria que não só a

orientação para a ação é aceita, (no desenvolvimento há uma porção de pontos que encaminham a esse sentido) mas que a orientação para o ator o é: a competência modal do ator linguístico é a fonte dos procedimentos de temporalização e de sua gradiência e 'tensão' específicas. A pragmática do desenvolvimento' deveria acrescentar essa perspectiva a respeito da competência produtiva do ator e seus procedimentos de temporalização à concepção de tempo que subjaz ao desenvolvimento.

NOTAS

* Excertos de uma versão anterior deste artigo foram lidos num Congresso Internacional sobre "Tempo e Desenvolvimento" (International Conference on "Time and Development") organizado pela Universidade de Michigan em Ann Arbor, em abril de 1982 (debatedor: W.V.O.Quine). Agradeço a Edmund Leach, Willi Mayerthaler e W.V.O. Quine por suas críticas construtivas. Devo um agradecimento especial ao Departamento de Filosofia (Cátedra George Anagnostopoulos) da Universidade da Califórnia em San Diego, onde estagiei durante o período letivo de primavera de 1983, e escrevi a versão final deste artigo. Publicado em língua inglesa em C.J.Bailey e R. Harris (org.) Developmental Mechanisms in Language, Oxford, Pergamon Press, 1984. [Agradecemos ao Prof. Parret pela autorização para publicar este trabalho, em língua portuguesa, em nossos Cadernos de Estudos Linguísticos.]

** N.T. Os exemplos ingleses são "Take your time" e "Take your form of becoming".

1. Sobre a noção de episteme, veja-se Foucault (1966;1969).
2. Sobre a noção de paradigma, veja-se Kuhn (1962).
3. Isto é, obviamente, muito simplificado, e seria preciso fazer referência aos finos escritos de Husserl sobre temporalidade, especialmente Fenomenologia da Consciência Interior do Tempo (Traduzido para o inglês por J.S. Churchill). Haia, Martinus Nijoff, 1964.
4. Roland Barthes menciona a écriture blanche como um rótulo para caracterizar o tipo de discurso ideal e a-temporal que tem uma relação não-mediada com a ontologia.
5. Frege (1918).
6. Veja-se especialmente Lévi-Strauss (1962).
7. Veja-se especialmente Althusser (1968).
8. Veja-se, entre meus escritos sobre demonstrativos, Parrett (1980).

9. Benveniste (1966).
10. Russell (1905; 1918).
11. 'deviant logic' é o termo usado por Quine em Quine (1970) e também o termo usado por S.Haack como título de um livro (1974).
12. Santo Agostinho, Confissões, Livro XI, cap. XV.
13. Estou pensando especialmente na tradição continental da semiótica, que tem por fundamento o modelo axiomático da teoria do sentido de Hjelmslev: as escola de semiótica de Paris, centrada em A.J.Greimas.
14. Veja-se Greimas (1966).
15. Os desenvolvimentos recentes podem claramente ser observados em Greimas e Courtès (1979): vejam-se por exemplo as entradas 'modalidade' e 'competência'.
16. Para uma 'descoberta' dessas verdades do senso comum, veja-se Harris (1980;1981).
17. Veja-se Labov (1972) e escritos mais recentes, entre outros sobre discurso patológico.
18. Bailey (1980; 1982).
19. Veja-se Waismann (1965: 172-175).
20. Wittgenstein (1958: § 53-54).
21. Exemplos tirados de Wittgenstein (ver nota 20).
22. Guillaume (1929).
23. Para um julgamento equilibrado, veja-se Putnam (1981).
24. Veja-se Foucault (1966: especialmente 378-385).
25. Wittgenstein (1958: 56).
26. W. Mayerthaler tem uma teoria sobre a direcionalidade do espaço e do tempo, baseada em seus critérios de marca (comunicação pessoal). Entretanto, isso não afeta de maneira alguma a opinião de que a teoria do tempo tem que ser orientada pa-

ra o ator, como se defende aqui.

27. Veja-se Lyons (1977: 718-724).
28. Veja-se Polakow (1981).
29. Russell (1905; 1918).
30. Especialmente Quine (1970).
31. Quine (1970:30).
32. Davidson (manuscrito). Uma solução semelhante já podia ser encontrada nos Elements of Symbolic Logic (New York, Macmillan, 1947) de Reichenbach.
33. Guillaume (1929).
34. Austin (1962).
35. Veja-se Poliakow (1981).
36. Zilberbeg (1981).
37. A idéia geral de uma "pragmática integrada" é desenvolvida por Parret (In progress)
38. Veja-se Bailey (1980; 1982).

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L. (1968) Pour Marx. Paris: Maspero.
- AUSTIN, J.L. (1962) How to do Things with Words. Oxford: Clarendon Press.
- BAILEY, J.C. (1980) "The role of development in the theory of language," Papier zur Linguistik, 22, 33-46.
- _____, (1982) On the Nature of Language. On the Yin-and-Yan nature of Language. Ann Arbor: Karoma Press.

- BENVENISTE, E. (1966) Problèmes de linguistique générale. Paris: Gallimard.
- DAVIDSON, D. (Ms.) "Moods and Performances."
- FOUCAULT, M. (1966) Les mots et les choses. Paris: Gallimard.
- _____, (1969) L'archéologie du savoir. Paris: Gallimard.
- FREGE, G. (1918) "The Thought: a Logical Inquiry," Mind, 65, 1956, 289-311.
- GRIMAS, A.J. (1966) Sémantique Structurale. Recherche de méthode. Paris: Larousse.
- GRIMAS, A.L. et Courtés, J. (1979) Sémiotique. Dictionnaire raisonnée de la théorie du langage. Paris: Hachette.
- GUILLAUME, G. (1929) Temps et verbe. Théorie des aspects, des modes et des temps. Paris: Champion.
- HAACK, S. (1974) Deviant Logic. Some Philosophical Issues. Cambridge U.P.
- HARRIS, R. (1980) The Language-Makers. London: Duckworth.
- _____, (1981) The Language Myth. London: Duckworth.
- KUHN, T.S. (1962) The Structure of Scientific Revolutions. Chicago U.P.
- LABOV, W. (1972) Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: Conduct and Communication 4.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1962) La pensée sauvage. Paris: Plon.
- LYONS, J. (1977) Semantics I and II. Cambridge U.P.
- PARRET, H. (1980) "Demonstratives and the I-sayer", J. van der Auwera (ed.), The Semantics of Determiners, London/Baltimore: Croom Helm, 96-111.
- In progress De la rationalité du discours. Bruxelles: P. Mardoga.
- In progress Essential Opacities. Linguistic Fringes Reconsidered. Oxford: Pergamon Press.
- POLIAKOW, A. (1981) Tense and Performance. An Essay on the Uses of Tensed and Tenseless Language. Amsterdam: Rodopi.

PUTNAM, H. (1981) Reason, Truth and History. Cambridge U.P.

QUINE, W.V. (1970) Philosophy of logic. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.

RUSSELL, B. (1905) "On denoting," Mind, 14, 479-493.

_____, (1918) "The Philosophy of Logical Atomism," Monist, 28, 495-527; 29, 32-63, 190-222, 345-380.

WITTGENSTEIN, L. (1958) The Blue and Brown Books. Oxford: Blackwell.

WAISMANN, F. (1965) The Principles of Linguistic Philosophy. London: McMillan.

ZILBERBERG, C. (1981) Essai sur les modalités tensives. Amsterdam: Benjamins.